

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO
- ESTÁGIO SUPERVISIONADO -

AUTORA: MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS

QUALIFICAÇÃO: LICENCIANDA EM HISTÓRIA

DESTINATÁRIO: COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO, PROFESSOR ANTONIO
CLARINDO B. DE SOUZA

ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

JUNHO - 1995



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

INDICE

INTRODUÇÃO 3

DESENVOLVIMENTO 4

CONCLUSÃO 7

ANEXOS 9

INTRODUÇÃO

É praxe do Curso de Licenciatura Plena em História do Departamento de História e Geografia da UFPB, exigir dos licenciandos, para a conclusão do curso, uma prática de ensino e a elaboração de um relatório no qual conste as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado.

O Estágio Supervisionado no 1º Grau foi realizado na Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião, localizada à Rua Estelita Cruz, s/nº, Alto Branco, na 7ª série "D", 6ª séries "E" e "F". As aulas foram ministradas em uma semana, perfazendo um total de sete horas-aulas. No 2º Grau, não foi possível estagiar no estabelecimento acima citado porque os docentes da Rede Estadual paralisaram suas atividades. No entanto, a experiência neste grau foi possível através de um Mini-Curso de História, promovido pelo Departamento de História e Geografia da UFPB. Ministrei uma aula, com uma hora de duração, no dia 05/06, no turno da tarde.

As atividades mais globais que constituem a Prática de Ensino exigidas são as observações feitas nas turmas onde será executado o Estágio. As observações foram realizadas no 1º Grau, num número de 7 e 6 no 2º Grau, totalizando 13 horas-aulas de observação. A outra atividade considerada mais global é o Estágio Supervisionado em si mesmo. Este será abordado na fase seguinte deste Relatório e as atividades complementares constam em anexo. Em anexo há um texto produzido para a disciplina de Metodologia de Ensino de 1º e 2º Graus com o fim específico de ser incluído neste Relatório, como um complemento teórico. Estão também incluídos: fichas de observação de aulas do 1º e 2º Graus; plano de curso; plano de unidade; planos de aula; textos produzidos para as aulas durante o Estágio Supervisionado; e fichamentos de textos discutidos com o professor orientador.

DESENVOLVIMENTO

Como todo concluinte, a realização de minha Prática de Ensino também foi permeada por algumas dificuldades. Não tive problemas quanto ao orientador porque quando convidei o Professor Apolinário para orientar-me, ele prontificou-se sem colocar nenhum obstáculo.

A segunda fase do encaminhamento foi mais demorada e constrangedora. Decidimos que a Prática de Ensino seria realizada no 1º e 2º Graus. Contactei com a Escola Sólton de Lucena, para o 1º Grau e o Estadual da Prata, para o 2º Grau. Havia o inconveniente de serem estabelecimentos distintos e no caso do "Gigantão" ser distante para me deslocar. Este aspecto ficava mais ressaltado devido ao fato de trabalhar no turno da tarde e seria muito complicado estar às 19:00 horas, neste estabelecimento de ensino.

Interessante foi ter descoberto, meio ao acaso, que próximo de mim havia uma escola de 1º e 2º Graus. Até então, não tinha conhecimento de que a Escola São Sebastião estava oferecendo o 2º Grau.

Superado este impasse, visitei a Escola e entrei em contato com os professores: Paulo Roberto Campos (1º Grau) e Josefa Giseuda Lúcio de Araújo (2º Grau). Iniciei as observações quase concomitantemente, nos dias 6 e 7 de Abril. No 1º Grau observei a 7ª série "D" e as 6ª séries "E" e "F". No 2º Grau, o 2º "B". As observações no 1º Grau foram encerradas em 19 de Abril. Devido ao grande número de feriados ocorridos neste período, as observações no 2º ano "B" foram concluídas no início de Maio.

Durante as observações, em ambos graus, não constatee, em nível de comportamento, nada que possa classificar como excepcional. Percebi, no entanto, que o professor do 1º grau tem um maior controle de classe do que a professora do 2º Grau. Neste, era mais frequente ela ter de pedir

silêncio e maior também o número de alunos dispersos (realizando outras atividades não ligadas à sua disciplina). Talvez cometa um erro ao tentar constatar o motivo gerador da dispersão, mas interpreto a partir das aulas observadas. Todas as seis aulas em que estive presente, foram utilizadas em função de um trabalho em grupo (para ser feito em casa) e que seria posteriormente apresentado para toda a turma e corresponderia à nota da primeira unidade. O trabalho não foi apresentado, apenas entregue. Acredito que o fato de se tratar de turma noturna também concorreu para isto. São alunos que, em geral, trabalham durante o dia e à noite vão para a escola cansados.

A regência no 1º Grau teve início no dia 10 de Maio, na 7ª "D". O assunto foi a Civilização Grega, onde abordei os Períodos Homérico e Arcaico, através de aula expositiva, com o auxílio de uma cartaz com esquema. Pretendia trabalhar o conteúdo até o Período Clássico, mas o tempo não foi suficiente. A aula havia começado com uns 15 minutos de atraso porque o professor Paulo aconselhou esperar um pouco os alunos que se atrasam, evitando a interrupção da aula.

Apesar de ter experiência em sala de aula com primeira fase, senti-me meio nervosa nesta primeira aula. Concorreu para isto o fato de não conseguir fazer com que a turma participasse.

No dia 12, dei a 3ª e 4ª aulas nesta turma. O número de alunos estava bem reduzido, uns 7 ou 8. Como a turma não teve as primeiras aulas, a maioria resolveu ir embora e, como se tratava de uma sexta-feira, aproveitou o ensejo e foi para o ferrão, na Praça Clementino Procópio. O professor Paulo e meu orientador, professor Apolinário, incubiram-me de decidir o que fazer. Devido às muitas atividades que teria na semana seguinte e respeitando a presença dos alunos que permaneceram, resolvi dar aula. Expus o conteúdo sobre o Período Clássico. Como recursos didáticos, utilizei o esquema, um texto e slides. Aspectos de religião filosofia, arquitetura, cultura e do cotidiano puderam ser comentados através da projeção de slides. Neste momento, alunos de outras séries que espreitavam pela porta e janelas foram convidados a entrar na sala e participaram, inclusive, com perguntas.

No dia 10, tive duas aulas na 6ª "E", abordando aspectos da Sociedade e do Trabalho no Brasil do final do Império. Esta turma me surpreendeu. Eu só havia observado uma aula nesta turma, mas apesar de pouco contato a participação foi superior à da 7ª série. Os alunos respondiam as perguntas feitas, questionavam, tornando a aula mais dinâmica. A aula foi expositiva, com esquema, texto (em nenhuma série os alunos dispõem de livro didático) e, ao final, projeção de slides.

Na sexta-feira, 12 de Maio, trabalhei o mesmo conteúdo na 6ª "F", com os mesmos recursos, exceto os slides porque esqueci de avisar ao meu orientador que utilizaria-os nesta turma. Mais uma vez me surpreendi com o nível de participação dos alunos. Ficou muito evidente a importância da participação que, além de dinamizar a aula, funciona como meio de perceber se o objetivo proposto para a aula está sendo alcançado. Este aspecto, não conseguir fazer com que os alunos participassem, na primeira aula da 7ª série, me deixou meio constrangida.

O início da regência no 2º Grau estava previsto para o dia 22 de Maio. Coincidiu de, neste dia, os docentes da Rede Estadual de Ensino iniciarem uma greve, que se prolonga até a presente data, inviabilizando assim as aulas.

A experiência com o 2º Grau foi proporcionada através de Mini-Curso de História, promovido pelo Departamento de História e Geografia, para pré-vestibulandos e cujas aulas são ministradas por licenciandos. Para esta aula, optei pelo tema: A escravidão na Grécia Antiga. Os recursos didáticos utilizados foram esquema, mapa temático e texto. A participação dos alunos foi boa. Intervieram, com perguntas, em vários momentos da aula.

Esta "prova de fogo" que é o Estágio Supervisionado reforçou a compreensão que tenho acerca do profissional (licenciado) de História: ser um constante pesquisador, estudioso. A necessidade de selecionar bibliografia e dedicar-se a ela é palpável, pois no momento mesmo das aulas sentia que uma visão mais ampla do assunto não me faria mal...

Senti certa dificuldade para preparar as aulas sobre a Grécia e recorri tanto ao livro didático como a outros livros e textos utilizados na disciplina de História Antiga Ocidental e um outro fornecido pelo professor que, atualmente, ministra esta disciplina. Creio que esta dificuldade resulta de "lacunas" deixadas devido à própria estrutura da disciplina e também pelo tempo decorrido desde que a cursei. Com as aulas de História do Brasil, ministradas nas 6^ª séries, não senti esta dificuldade. Concorreu o fato de ter cursado Brasil IV no semestre anterior, de modo que o conteúdo está mais "fresquinho" na memória. Mesmo assim, consultei várias fontes, inclusive o livro didático.

Embora seja final de curso, sinto-me meio vazia, não estou completa. Estou convicta de que só a experiência, o dia-a-dia irão "preencher" este espaço. Avaliando cada aula ministrada, encontro aspectos que poderia ter trabalhado de forma diferente, poderia ter contribuído para que a aula fosse mais interessante. Sei, no entanto, que esta análise, de mim mesma, é primordial para a superação das falhas cometidas ao longo do Estágio.

CONCLUSÃO

Terminada a fase do Estágio Supervisionado, resta destacar seus aspectos positivos e negativos. Quanto aos positivos, saliente a importância das aulas experimentais que foram fundamentais para a realização do Mini-Curso. Registre também a atuação do meu orientador que não mediu esforços quando o solicitava. Positiva foi a iniciativa do Departamento de História e Geografia ao promover o Mini-Curso. À princípio, não o vi a com "bons olhos" quando pensava na sobrecarga de atividades que tinha pela frente. No entanto, não fosse esta iniciativa, teria ficado sem experiência alguma à nível de 2^ª Grau.

Nos aspectos negativos, está a dificuldade de ligar teoria e prática, o que vemos em Metodologia com a Prática de Ensino. As aulas experimentais, em Metodologia, foram realizadas quando o Estágio Supervisionado já havia sido concluído. Na disciplina Prática de Ensino, apenas a aula sobre a Escravidão na Grécia Antiga serviu como uma prévia,

no caso, para o Mini-Curso. Ressalto, uma vez mais, a importância destas aulas prévias por tratar-se de um momento onde as falhas podem ser corrigidas e/ou amenizadas, melhorando a qualidade da aula a ser ministrada nas escolas.

Neste contexto, se a disciplina de Metodologia fosse cursada no período que antecede o término do curso, todos os concluintes teriam a possibilidade de ir para o Estágio Supervisionado com um mínimo de experiência em sala de aula. Apesar de poder sofrer sérias restrições por parte dos futuros concluintes, acredito que se no último período se cursasse apenas a disciplina Prática de Ensino, o resultado seria bem mais positivo. Fundamento esta sugestão pelo fato de o Estágio Supervisionado exigir muito de nós e fica muito atribulado conciliar as disciplinas. No caso de nenhuma destas sugestões ser viável, sugiro que as aulas experimentais tanto em Metodologia como em Prática de Ensino sejam dadas antes de se iniciar o Estágio Supervisionado.

ANEXOS

1. FICHAS DE OBSERVAÇÃO
2. PLANO DE CURSO - 6ª SÉRIE
3. PLANO DE UNIDADE - 6ª SÉRIE *obs. O prof. Orientador perdeu o plano de unidade após encontrá-lo, colocará aqui. a responsabilidade é dele. C. Frade. 19.06.95*
4. PLANO DE AULA - 7ª SÉRIE *José Apolinário de Souza*
5. PLANO DE AULA - 6ª SÉRIE
6. TEXTO: SOCIEDADE E TRABALHO
7. PLANO DE AULA - 7ª SÉRIE
8. TEXTO: PERÍODO CLÁSSICO
9. PLANO DE AULA - MINI-CURSO
10. TEXTO: A ESCRAVIDÃO NA GRÉCIA ANTIGA
11. LISTA DE PRESENÇA DO MINI-CURSO
12. TEXTO: O LIVRO DIDÁTICO APÓS AS "BELAS MENTIRAS"
13. FICHAMENTO DE TEXTOS:
 - 13.1- A PRÁTICA SOCIAL GLOBAL COMO PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA DA PRÁTICA EDUCATIVA
 - 13.2- O ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS: HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 - 13.3- AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA ESCOLAR: PARA ALÉM DO AUTORITARISMO
 - 13.4- PLANEJAR PARA QUÊ?
14. FICHAS DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES JOSÉ APOLINÁRIO E A. CLARINDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO

OFÍCIO/CCH/DHGC/CH/UFPB/015/95

Campina Grande, 10 de abril de 1995.

Ilustríssima Senhora

Professora NELY BARBOSA DE ARAÚJO

DD. DIRETORA DA ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS SÃO SEBASTIÃO

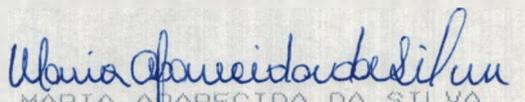
N E S T A

Senhora Diretora,

Pelo presente solicitamos a Vossa Senhoria, autorização para que **MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS** aluna do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Paraíba - Campus II, possa estagiar nesse conceituado estabelecimento de ensino, no corrente semestre.

Esperando contar com o apoio de Vossa Senhoria, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,


MÁRIA APARECIDA DA SILVA
Chefe do DHG

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Maria do Socorro dos Santos
Curso: licenciatura em História
Colégio do Estágio: Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Josefa Giselda Leúcio de Araújo
Grau: 2º Série: 2º B DISCIPLINA: História do Brasil
Período: 94.2 Data: 06 / 04 / 1995 Duração: 19:00 às 20:20

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais O objetivo era dividir a turma em grupos de 7. Cada grupo receberia uma temática para ser trabalhada e nas aulas seguintes os trabalhos seriam apresentados.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Formação dos grupos, sorteio dos temas, orientação de como a professora quer o trabalho escrito.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Os alunos participaram organizando-se em grupos, participando do sorteio dos temas, discutindo a forma de como ter acesso aos textos.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? *A aula começou com uns vinte minutos de atraso. O restante de tempo foi dedicado à organização dos grupos.*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

Foi mantido um bom relacionamento. O fato de a professora conhecer alguns alunos contribuiu para isso.

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

Giz e quadro para anotar os conteúdos dos trabalhos. Lâmina de Geo utilizada para tirar (xerocar) os textos dos trabalhos. Papel com os temas para sorteio. O título de curiosidade ela mostrou uma brissola que seria utilizada numa aula de geografia com outra turma.

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

Alguns alunos demonstraram desinteresse fazendo atividades de outra disciplina.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

Não.

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula foram atingidos? Comente.

Foram atingidos. Ela pretendia dividir a turma em grupos e distribuir entre eles os temas. Isso foi alcançado.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

Questão da organização e partes de um trabalho escrito.

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

As duas aulas foram utilizadas para a formação de grupos e distribuição das tarefas com as equipes.

Campina Grande, 06 / Abril / 1995

Maria do Socorro dos Santos

Aluno estagiário

04. Houve uma distribuição racional do tempo? *Sim. Na primeira foram feitos os comentários. Na segunda, copiou-se um texto sobre o Primeiro Império e o Período Colonial.*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula? *Perguntou se alguém tinha visto a reportagem sobre a educação na Paraíba.*

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

Giz e quadro de giz. Foram utilizados para indicar alguns dados sobre educação e condições de trabalho do professor e para copiar os textos.

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

Aparentemente, sim. Não houve conversa.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

Não.

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

Quando verifica se alguém souber a matéria sobre a educação.

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Campina Grande, 07 / Abril / 1995

Maria do Socorro dos Santos
Aluno estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Maria de Lourdes dos Santos
Curso: licenciatura em História
Colégio do Estágio: Escola Est. de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Paulo Roberto Campos
Grau: 1º Série 7ª E DISCIPLINA: História Geral
Período: 94.2 Data: 07/04/1995 Duração: 20:20 às 21:40h.

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?
Quais _____

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Cyruentação do futuro profes-
sor e da estagiária. Comentário sobre a matéria a respeito da educação
paraibana. Texto: A civilização mesopotâmica (copiada no quadro
de giz por uma aluna.)

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Dizendo como foi a reportagem veiculada pelo jornal
Nacional e fazendo comentários sobre a educação em
outros municípios, além de Campina Grande.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? Sim.

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

Um bom relacionamento.

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

Não

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Campina Grande, 07 / Abril / 1995

Maria de Socorro dos Santos
Aluno estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIARIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Marina do Socorro dos Santos
Curso: licenciatura em História
Colégio do Estágio: Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Josefa Giselda Leão de Araújo
Grau: 2º Série: 2º B DISCIPLINA: História do Brasil
Período: 94.2 Data: 07/04/1995 Duração: 19:00 às 19:40 h.

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?
Quais _____

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? A alteração no horário das aulas e encaminhamentos para a realização de trabalho em grupo.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Os alunos participaram esclarecendo dúvidas a respeito de trabalho. Os que haviam faltado na aula anterior discutiram com a professora a formação de um outro grupo.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? _____

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

Houve um relacionamento amistoso.

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

Quadro de giz e giz. A professora entregou a cada grupo o texto com a finalidade a ser trabalhado.

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

Nem todos se mantiveram atentos. Alguns fazem exercícios de outras disciplinas.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

A professora reclamou porque estava havendo muita conversa e os alunos fizeram menos barulho.

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para ativar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Considerar deste trabalho (o texto e a apresentação) ser a nota de bimestre, nem todos os alunos demonstram muito interesse ou preocupação. Duas ou três pessoas, de cada grupo, são as que procuram a professora para tirar dúvidas sobre o trabalho.

Campina Grande, 07 / Abril / 1995

Maria do Socorro dos Santos
Aluno estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Maria da Inês dos Santos
Curso: Licenciatura em História
Colégio do Estágio: Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Josefa Guedes Lúcio de Araújo
Grau: 2º Série 2ºB DISCIPLINA: História do Brasil
Período: _____ Data: 17 / 04 / 1995 Duração: 19:40 às 21:00 h.

2. Roteiro da observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?
Quais _____

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Novamente sobre
os trabalhos em grupo.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Justificando os motivos pelos quais não foi possível
preparar os trabalhos para serem apresentados hoje.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? _____

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

outras apreciações gostaria de fazer?

Hoje deveria ter iniciado a apresentação dos trabalhos, mas foi adiada. A professora orientou, individualmente, os grupos. Ensinou como os alunos deveriam fazer a bibliografia.

Campina Grande, 17 / Abril / 1995

Maria do Socorro dos Santos
Aluno estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Maria do Socorro dos Santos
Curso: Licenciatura em História
Colégio de Estágio: Escola Est. de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Paulo Roberto Campos
Grau: 1º Série: 6ª E DISCIPLINA: História do Brasil
Período: _____ Data: 19 / 04 / 1995 Duração: 20:20 às 21:00h.

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais Prova escrita do 1º Bimestre. O professor distribuiu um texto de duas páginas (mimeografado) sobre o Período Regencial, com oito questões.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

03. De que forma os alunos participaram da aula:

04. Houve uma distribuição racional do tempo? _____

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início de aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Durante esta aula, o professor foi aplicar prova em outra turma e eu fiquei na sala de aula, observando e recebendo as provas.

Campina Grande, 19 / Abril / 1995.

Maria do Socorro dos Santos
Aluno estagiário

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Maria do Socorro dos Santos
Curso: Licenciatura em História
Colégio de Estágio: Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Paulo Roberto Campos
Grau: 1º Série: 7ª C DISCIPLINA: História Geral
Período: _____ Data: 19 / 04 / 1995 Duração: 19:00 às 20:20 hs.

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?
Quais: Prova escrita do 1º Bimestre. A prova contou de um texto sobre a civilização egípcia (de duas páginas) com oito questões para serem respondidas.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? _____

03. De que forma os alunos participaram da aula:

04. Houve uma distribuição racional do tempo? _____

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Percebi que os alunos demonstravam dificuldade em responder as questões, devido a palavras que não conheciam e mesmo em relação ao conteúdo. Alguns alunos me disseram que não houve aula sobre este assunto. Na segunda aula, de 19:40 às 20:20, o professor foi para outra sala de aula e eu fiquei com a turma.

Campina Grande, 19 / Abril / 1995

Maria do Socorro dos Santos
Aluno estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIARIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: Maria do Socorro dos Santos
Curso: Docência em História
Colégio do Estágio: Escola Est. de 1º e 2º Graus São Sebastião
Nome do professor: Josefa Giselda Lucio de Araujo
Grau: 2º Série: 2º B DISCIPLINA: História do Brasil
Período: _____ Data: 04 / 05 / 1995 Duração: 19:40 às 20:20 h.

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?
Quais _____

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Falou sobre o recebimento dos trabalhos do 1º Bimestre, não prorrogaria o tempo para isto, que no 2º Bimestre haveria mudança quanto a avaliação, não fariam mais trabalhos; comentou as dificuldades para trazer textos para a turma porque a secretaria só os entrega mimeografados após 48 horas.
03. De que forma os alunos participaram da aula:

Uma aluna solicita a professora que não peça mais trabalhos em grupos e em grupos tão numerosos, como neste bimestre, foram grupos com a média de 7 (sete) membros cada.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? _____

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados? ..

Houve barulho durante a chamada. A professora pediu e insistiu para que se fizesse silêncio.

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Acho que a professora dispenseu muito tempo para a organização e explicação de trabalhos que, afinal, não foram apresentados. Como ela não deu explicações desses conteúdos, nenhuma aula expositiva, os alunos não viram tais assuntos. Apenas o grupo que trabalhou o conteúdo teve acesso ao mesmo. Falta a exposição e o debate.

Campina Grande, 04 / Maio / 1995

Maria do Socorro dos Santos

Aluno estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

CENTRO DE HUMANIDADES.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA.

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO.

PROFESSOR: ANTÔNIO CLARINDO B. DE SOUZA.

ALUNA: MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS.

PERÍODO: 94.2

ELABORAÇÃO DE PLANO DE CURSO

PLANO DE CURSO

I - IDENTIFICAÇÃO:

Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião.

Localidade: Campina Grande - PB.

Série: 6ª Turma: "F" Turno: Noite

Disciplina: História do Brasil.

Professora: Maria do Socorro dos Santos.

Carga horária: 60 horas-aulas.

Ano letivo: 1995.

II - DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO:

Março -----	05 horas-aulas
Abril -----	04 horas-aulas
Maio -----	06 horas-aulas
Junho -----	04 horas-aulas
Julho -----	04 horas-aulas
Agosto -----	05 horas-aulas
Setembro -----	06 horas-aulas
Outubro -----	05 horas-aulas
Novembro ..-----	05 horas-aulas
Dezembro -----	04 horas-aulas
Aulas destinadas às provas -----	08 horas-aulas
Aulas como margem de segurança -----	04 horas-aulas
<hr/>	
Total: 60 horas-aulas	

III - OBJETIVOS GERAIS:

- ✓ Comentar o fim do Regime Imperial no Brasil.
- Caracterizar o contexto sócio-político e econômico do período republicano que o país passava a viver.
- Estabelecer os principais traços do segundo reinado e os fatores que concorreram para o final do regime monárquico no Brasil.

IV - CONTEÚDOS:

I - Unidade:

- Os grupos políticos e a independência (1822)
- A Constituição brasileira do Império (1824)
- A Confederação do Equador (1824) e a independência cisplatina (1825)
- A abdicação de D. Pedro I (1831)
- O governo das regências (1831-1840)

II - Unidade:

- Rebeliões do período regencial (1835-1841)
- O segundo reinado (1840-1889)
- O processo de abolição da escravatura
- Queda da monarquia e nascimento da República (1889)

III - Unidade:

- Instalação e consolidação do regime republicano (1889-1898)
- A política dos governadores (1898-1930)
- A crise da República Velha (1920-1930)
- A "revolução" de 1930

IV - Unidade:

- Período getulista de 1930 a 1937
- O Estado Novo (1937-1945)
- O governo Dutra (1946-51) e o retorno de Vargas (1951-1954)
- Os governos Juscelino (1956-61), Jânio (Jan.61), Goulart (1961-1964)
- O regime militar (1964-1985)
- O início da "Nova República" (1985...)

V - PROCEDIMENTOS:

- Aulas expositivas, com esquemas no quadro-de-giz ou com uso de cartazes.
- Debates para esclarecer dúvidas dos alunos que possam surgir durante as aulas ou após leitura dos textos.
- Discussão em grupos com espaço para que o resultado de cada grupo seja colocado para toda a turma.

VI - RECURSOS:

- Textos mimeografados produzidos pela professora, cartazes, mapas, quadro-de-giz.

VII - AVALIAÇÃO:

Constará de duas notas por unidade:

- Um texto (ou redação), que deverá conter as impressões do aluno a respeito do conteúdo abordado na unidade, incluindo o que achou mais interessante (ou menos interessante) e justificando o seu parecer. Esta atividade somaria cinco (5) pontos.
 - Uma prova escrita, valendo cinco (5) pontos.
- A soma de ambos resultará em pontos que variarão de 0 a 10.

VIII - BIBLIOGRAFIA:

- CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- _____ Utopias Republicanas, in: _____ A Formação das Almas. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- COTRIM, Gilberto e ALENCAR, Álvaro Duarte de. História do Brasil: Da Independência à Nova República. 4ª ed. 1ª Grau. Vol.2. São Paulo: Saraiva, 1988.
- LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil Contemporâneo. Série Revisão, Nº 3, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- QUEIROZ, Maria Iseura Pereira de. Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil. São Paulo: Editora da USP, 1978.
- RAGO, Margareth. Fábrica Satânica/Fábrica Higiênica in: _____ Do Cabaré ao Lar (Utopia da cidade disciplinar) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião.

Disciplina: História Geral

Professora: Maria do Socorro dos Santos

Curso: 1º Grau Série: 7ª Turma: "D" Turno: Noite

Data: 10/05/95 Horário: 19:00 às 19:40 horas

1. OBJETIVOS:

- 1.1- Comentar as características dos principais períodos da história grega.
- 1.2- Perceber as diferentes formas de governo que se sucedem nos vários períodos.
- 1.3- Caracterizar os aspectos políticos, econômicos e sociais da sociedade grega.

2. CONTEÚDOS:

- 2.1- Período homérico (1700 a.C.-800 a.C.)
- 2.2- Período arcaico (800 a.C.-500 a.C.)
- 2.3- Período clássico (500 a.C.-338 a.C.)
- 2.4- Atenas e Esparta
- 2.5- Período helenístico (338 a.C.-30 a.C.)

3. PROCEDIMENTOS:

- 3.1- Aula expositiva a partir de esquema.

4. RECURSOS DIDÁTICOS:

- 4.1- Quadro de giz
- 4.2- Cartaz com esquema da aula

5. AVALIAÇÃO

5.1- Perguntas orais sobre o conteúdo.

6. BIBLIOGRAFIA:

- BURNS, Edward McNall. História da Civilização Ocidental. 2ªed. Porto Alegre: Globo, 1968.
- MOTA, Carlos Guilherme e LOPES, Adriana. História e Civilização: O mundo antigo e medieval. São Paulo: Ática, 1995.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida: Da pré-história à idade média. 7ª ed. Vol.3. São Paulo: Ática, 1994.
- TOYNBEE,Arnold J. Helenismo: História de uma civilização. Trad. Walter dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião.

Disciplina: História do Brasil.

Professora: Maria do Socorro dos Santos.

Curso: 1º Grau Série: 6ª Turmas: "E" e "F" Turno: Noite

Data: 10 e 12/05/95 Horário: 19:40 às 21:00 horas

1. OBJETIVOS:

- 1.1- Perceber o surgimento dos novos grupos sociais como consequência de mudanças econômicas e sociais ocorridas durante o Império.
- 1.2- Discutir a libertação dos escravos como resultado da resistência escrava e de fatores políticos, jurídicos, sociais e econômicos.
- 1.3- Identificar os aspectos que contribuíram para a exclusão social do negro após sua libertação.

2. CONTEÚDOS:

- 2.1- Novos grupos sociais que surgem no final do Império:
 - 2.1.1- Barões do café
 - 2.1.2- Classe média
 - 2.1.3- Trabalhadores livres e pequenos proprietários
 - 2.1.4- Classe operária
- 2.2- Libertação dos escravos
 - 2.2.1- Resistência escrava
 - 2.2.2- Fim do tráfico
- 2.3- Abolição da escravatura
 - 2.3.1- Motivos econômicos, políticos e jurídicos
 - 2.3.2- Situação do negro após a libertação
 - 2.3.3- Entrada de imigrantes
 - 2.3.4- Exclusão social

3. PROCEDIMENTOS:

- 3.1- Aula expositiva a partir de esquema
- 3.2- Texto mimeografado para que o aluno possa acompanhar a exposição.
- 3.3- Projeção de slides sobre o período do Brasil Império.

4. RECURSOS DIDÁTICOS

- 4.1- Quadro de giz
- 4.2- Texto mimeografado (produzido pela professora)
- 4.3- Projeção de slides

5. AVALIACÃO

- 5.1- Perguntas orais sobre o conteúdo

6. BIBLIOGRAFIA:

- ALENCAR, Francisco et al. História da Sociedade Brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.) História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Monárquico. 3ª ed. Tomo II. Vol. 3. Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1976.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida. Brasil: da independência aos dias de hoje. 9ª ed. Vol. 2. 1º Grau. São Paulo: Ática, 1991.

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª E 2ª GRAUS SÃO SEBASTIÃO.
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL.
ESTAGIÁRIA: MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS.
SÉRIES: 6ª TURMAS: "E" e "F" TURNO: NOITE

SOCIEDADE E TRABALHO

No final do Império (1822-1889), novos grupos se formaram, provocando mudanças na economia (trabalho livre e industrialização) e na política (movimentos republicanos). Os grupos eram os barões do café, a classe média, os trabalhadores livres, os pequenos proprietários e os operários.

Barões do café

Os barões do café eram mais ricos e modernos que os senhores de engenho. Acompanhavam os negócios do café, investiam na indústria, construíam palacetes e seus filhos estudavam na França e Inglaterra. Não se limitavam à vida na fazenda.

Classe Média

Os grupos que podiam ser considerados de classe média aumentaram muito no fim do Império. Médicos, advogados, padres, militares, estudantes, bancários e outros profissionais passaram a ter importância cada vez maior. Os que mais se destacaram foram os militares e os advogados.

Trabalhadores livres e pequenos proprietários

Com o fim do tráfico negreiro, em 1850, os fazendeiros de café passaram a substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre assalariado. Os novos trabalhadores, geralmente imigrantes, moravam em casas construídas na fazenda. Recebiam baixos salários, mas como podiam plantar arroz, feijão, milho e mandioca e criar animais, alguns conseguiram melhorar de vida e comprar terras ou ir para São Paulo, onde abriam pequenas lojas ou fábricas. Outros imigrantes receberam terras do governo do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, tornando-se pequenos proprietários.

Classe Operária

Muitos operários foram trabalhar nas indústrias que começavam a surgir no fim do Império. Apesar do pequeno número de operários (para uma população de 14 milhões, havia uns 70.000 operários), desde cedo se organizaram e lutaram por melhores condições de trabalho e de vida. A primeira greve foi a dos gráficos, no Rio de Janeiro, em 1856.

A libertação dos escravos

Os escravos que trabalhavam nas fazendas não se submetiam facilmente à escravidão. Resistiam se matando, fugindo, reunindo-se nos quilombos e organizavam-se para lutar contra os ataques de seus perseguidores.

Os escravos que trabalhavam nas cidades também se revoltavam. O porto de Salvador recebeu o maior número de escravos da América e nesta cidade houve o maior número de revoltas de escravos: oito entre 1807 e 1835.

O fim do tráfico negreiro, em 1850, e a abolição da escravidão, em 1888, foram momentos importantes para o processo de libertação dos escravos.

Fim do tráfico negreiro

A Inglaterra acabou com o comércio de escravos em suas colônias em 1807. Começou, então, a pressionar o Brasil para que também acabasse com o tráfico. Fatores que levaram a Inglaterra a acabar com o tráfico:

- Para ganhar votos, os políticos ingleses começaram a tomar posições mais firmes contra o comércio de escravos.

- Colonizadores ingleses da África, preferiram que os negros ficassem na África, produzindo algodão e extraindo diamante para eles. O comércio de escravos poderia deixá-los sem mão-de-obra.

- Com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na metade do século XVIII, a fabricação de manufaturados aumentou bastante. A Inglaterra pretendia aumentar o mercado consumidor desses produtos. O dinheiro

que deixaria de ser gasto com a compra de escravos seria utilizado na compra de produtos ingleses.

Em 1845, o governo inglês ordenou aos comandantes da Marinha Inglesa que aprisionassem os navios de qualquer país que transportasse escravos. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós acabou com o tráfico negreiro para o Brasil.

Abolição da escravidão

Terminado o tráfico, era preciso acabar com a escravidão. Os escravos que voltaram da Guerra do Paraguai não queriam mais continuar como escravos.

A campanha abolicionista ganhou as ruas e o apoio de jornalistas, políticos e escritores. No fim, até os fazendeiros, em especial os que não tinham muita escravos, ficaram a favor do movimento abolicionista. Motivos:

- Com o fim do tráfico, o escravo ficou caro. Os paulistas compravam escravos no NE, onde a produção de açúcar entrou em decadência. O dinheiro da compra de um escravo dava para pagar 10 anos de salário a um trabalhador livre. Em geral, um escravo não aguentava mais que 10 anos de trabalho.

- Alguns abolicionistas, como Joaquim Nabuco, achavam que junto com a libertação dos escravos deveria vir a reforma agrária para que pudessem trabalhar e sustentar a família. Com medo de perder os escravos e as terras, os fazendeiros preferiram perder os escravos e cederam à campanha.

A abolição foi resultado de uma longa luta. O governo cedeu aos poucos. Houve três leis contra a escravidão:

- Lei do Ventre Livre (1871). Declarou livres os filhos de escravos nascidos a partir de sua aprovação. A criança continuaria como propriedade do senhor até os 21 anos.

- Lei dos Sexagenários (1885). Declarou livres os escravos que chegassem aos 65 anos. Os escravocratas gostaram porque com essa idade o escravo era um peso morto.

- Lei Áurea (13 de maio de 1888). Declarou livres todos os escravos. O governo não tinha outra saída. Eram muitas as manifestações pelo fim da escravidão. O Exército se recusava a prender os escravos que fugiam das fazendas. O governo libertou os escravos para não perder a monarquia. Como os escravocratas sustentavam a monarquia, a abolição foi também o fim do Império.

A situação do negro

Os negros e os abolicionistas comemoraram com alegria o fim da escravidão. Mas logo os negros tiveram de enfrentar a dura realidade: eram livres, mas não tinham terras, nem profissão, nem ajuda do governo. Tinham dado sua contribuição e agora eram esquecidos.

O Brasil precisava tornar-se um país de brancos como a França, Inglaterra e Alemanha. O país incentivou a entrada de imigrantes, com exceção da Ásia e África.

Essa política criou dois tipos de brasileiros: o branco descendente de europeus, que deveria ser protegido e ajudado pelo governo e, o não branco - mulato, negro, índio - considerado inferior.

O resultado dessa política foi desastroso para os negros: os que viviam na zona, foram para a cidade, passando a viver em favelas. Hoje, um século depois da Abolição é entre os negros que estão o maior número de analfabetos, favelados, subnutridos, presidiários. São os que fazem o trabalho mais pesado e recebem menor salário...

BIBLIOGRAFIA:

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. Sociedade e Trabalho in: _____ História e Vida, Brasil: da independência aos dias de hoje. 9ª ed. Vol. 2. 1ª Grau. São Paulo: Ática, 1991.

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Sebastião.

Disciplina: História Geral.

Professora: Maria do Socorro dos Santos.

Curso: 1º Grau

Série: 7º

Turma: "D"

Turno: Noite

Data: 12/05/95

Horário: 20:20 às 21:40 horas

1. OBJETIVOS

- 1.1- Perceber diferenças na organização política, econômica, social e na educação das sociedades ateniense e espartana.
- 1.2- Comentar as principais características do período helenístico.
- 1.3- Identificar a importância dos deuses na vida dos gregos.
- 1.4- Mencionar a contribuição grega na literatura, teatro e especialmente na filosofia e ciência.

2. Conteúdos:

- 2.1- Atenas e Esparta
- 2.2- Período helenístico (338 a.C.-30 a.C.)
- 2.3- Os deuses na vida grega
- 2.4- Literatura, teatro, filosofia e ciência

3. Procedimentos:

- 3.1- Aula expositiva a partir de esquema
- 3.2- Texto mimeografado para o aluno acompanhar a exposição do conteúdo
- 3.3- Projeção de slides sobre arquitetura, deuses, teatro, ciência e filosofia gregos.

4. Recursos didáticos:

- 4.1- Quadro de giz
- 4.2- Texto mimeografado (produzido pela professora)
- 4.3- Cartaz
- 4.4- Projeção de slides

5. Avaliação:

5.1- Perguntas orais sobre o conteúdo.

6. Bibliografia:

- BURNS, Edward McNell. História da Civilização Ocidental. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1968.
- MOTA, Carlos Guilherme e LOPES, Adriana. História e Civilização: o mundo antigo e medieval. São Paulo: Ática, 1995.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida: Da pré-história à idade média. 7ª ed. Vol.3. São Paulo: Ática, 1994.
- TOYNBEE, Arnold J. Helenismo: história de uma civilização. Trad. Walmesir Dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Período Clássico (500 a.C. a 338 a.C.)

Atenas torna-se a cidade mais importante da Grécia. É um período de guerras. As cidades gregas se uniram sob o governo de Péricles, para enfrentar os Persas. As cidades gregas se rendem ao exército de Dario, rei persa. Esparta e Atenas são as únicas a resistir. Tem início em 490 a.C. a 1ª Guerra Médica - os gregos pensavam que os persas eram medos). Ocorrem mais duas guerras médicas em 479 a.C. e 450 a.C. apesar das dificuldades Esparta e Atenas saem vitoriosas. O rei Artaxerxes assina tratado de paz com a Grécia.

A Cidade de Atenas

Organização Social:

- Cidadãos: grandes proprietários, comerciantes, artesãos, operários e pequenos proprietários;
- Metecos: estrangeiros, não tinham direito à propriedade, dedicavam-se ao comércio e manufatura;
- escravos: filhos de escravos, prisioneiros de guerra, cidadãos ou metecos condenados por dívidas. Tinham direito a propriedade, família, herança, mas não podiam deixar de ser escravos.

Organização Política:

Eclésia (assembleia popular) participavam os cidadãos com mais de 18 anos, elaboravam as leis, fiscalizava os juizes, resolvia os negócios da cidade;

- Bulé ou Conselho dos 500 tinha a função de preparar os projetos de lei para serem votados na eclésia. Eram escolhidos por sorteio para o mandato de um ano.
- Heléia: (tribunal Popular) era o principal órgão do judiciário. Seus membros eram escolhidos por sorteio entre os cidadãos.

Economia: o cultivo do solo: produzindo vinhos, azeite, trigo; criavam animais de grande e pequeno porte. O comércio era outra atividade importante, que abastecia a maior parte das cidades.

Educação: Visava a formação completa do homem. Até os 7 anos a criança ficava com a família, depois era entregue a um pedagogo (escravo de confiança). Frequentava a escola de ginástica e música. Aos 18 anos o rapaz aprendia a lidar com armas e o serviço militar era obrigatório. Aos 20 tornava-se cidadão.

Esparta

Organização Social: Os cidadãos eram os nobres em pequeno número, vivendo das funções ligadas à Cidade-Estado (administração do serviço militar etc.). Recebiam terras e escravos para nela trabalharem ou homens livres.

Péricles: eram os proprietários de terra, comerciantes, artesãos e soldados, que também participavam das assembleias, continuavam soldados. Pertenciam ao Estado até aos 60 anos.

-Hilotas: servos do Estado que trabalhavam nos lotes de terras concedidos aos cidadãos.

Org. Política:

-Gerúsia era o Conselho dos anciãos formada por 28 membros com mais de 60 anos. Elaboravam as leis e decidia sobre política externa.

-Ápela - assembleia popular onde participavam os espartanos com mais de 30 anos, elegiam os membros da gerúsia e dos éforos.

-Éforos : Eram os verdadeiros dirigentes da política, composto por 5 membros. Dirigiam a educação, assessoravam os reis, exerciam a justiça e vigiavam a gerúsia.

Economia: Garantia a eficiência militar e a supremacia dos cidadãos. As melhores terras eram do Estado. Os hilotas, cedidos com a terra só podiam se ligar a agricultura. O Comércio e a indústria eram reservados aos periecos, obrigados a contribuir para manter seus anos.

Educação: Visava dar ao indivíduo um nível de perfeição física, coragem e alta obediência. - formar o soldado ideal. Aos 7 anos e menino ficava com a mãe, depois era levado para casernas públicas para receber educação rigorosa.

Caçavam animais selvagens, dançavam e praticavam exercícios físicos.

Dos 16 aos 20 anos estudavam armas e manobras militares. Dos 20 aos 30 treinavam para guerra e participavam da assembleia. Pertenciam ao Estado até os 50 anos.

PERÍODO HELENÍSTICO

Terminada a Guerra da Troia, entre Atenas e Esparta (431 a.C. a 404a.C.), a Grécia continua agitada por lutas entre cidades-estados. Felipe, rei da Macedônia aproveita o momento e domina a Grécia. Alexandre Magno, substitui o Pai e destaca-se como grande conquistador. Conquistou a Pérsia, Índia e o Egito. Por onde passou levou consigo sábios, artistas, e pesquisadores. O grego tornou-se a principal língua falada na antiguidade. A Cultura grega mais simples em contato com outras culturas, deixou de ser grega para ser universal.

PLANO DE AULA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

Departamento de História e Geografia.

Disciplina: História Antiga.

Professora: Maria de Socorro dos Santos.

2º Curso de História para o Vestibular.

Local: LABEHG

Data: 05/06/1995

Horário: 14:30 às 15:30 horas.

1. OBJETIVOS:

- 1.1- Relacionar o desenvolvimento da democracia ateniense com a intensificação da escravidão.
- 1.2- Apontar alguns dos aspectos que distinguem as cidades-Estados Atenas e Esparta.
- 1.3- Discutir o teor dos "privilegias" concedidos aos escravos urbanos atenienses.

2. CONTEÚDOS:

- 2.1- O trabalho escravo no oikos (Período Homérico: 1100-700 a.C.)
- 2.2- Os homens livres.
- 2.3- A relação de dependência entre a democracia e a escravidão (Período Arcaico: 700-500 a.C.)
 - 2.3.1- O escravo-mercaderia
- 2.4- A democracia para o cidadão ateniense (Período Clássico: 500-330 a.C.)
- 2.5- Escravos particulares e públicos, urbanos e rurais e seus "privilegias".
- 2.6- Esparta: "escravos" estatais.

3. PROCEDIMENTOS:

- 3.1- Aula expositiva com auxílio de esquema.
- 3.2- Texto produzido pela professora.
- 3.3- Utilização de mapa temática da época.

4. RECURSOS DIDÁTICOS:

- 4.1- Quadro de giz
- 4.2- Mapa
- 4.3- Texto
- 4.4- Esquema

5. AVALIAÇÃO:

Perguntas orais durante e ao final da aula sobre o conteúdo.

6. BIBLIOGRAFIA:

- FLORENZANO, Maria Beatriz B. O Mundo Antigo: Economia e Sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GIORDANI, Marie Curtis. História da Grécia. Antiguidade Clássica I. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2701
Departamento de História e Geografia.
Mini-Curso de História.
Estagiária: Maria do Socorro dos Santos.

A ESCRAVIDÃO NA GREGIA ANTIGA

PERÍODO HOMÉRICO (1100-700 a.C.)

As informações sobre este período são fornecidas pelos poemas homéricos: a *Iliade* e a *Odisseia*. A *Odisseia* oferece mais informações sobre a economia e a sociedade.

Ao narrar as aventuras de Ulisses em retorno de Tróia, Homero descreve o funcionamento da casa do herói e de outros proprietários de terra.

O oikos (essa, família) tem um significado mais amplo: é uma unidade econômica, humana, de consumo e de produção. Tem um chefe guerreiro, a família; escravos, bens imóveis (casas e terras), bens móveis (ferramentas, armas, gado, ...)

O oikos procurava manter-se independente quanto ao pastoreio, agricultura de cereais, horticultura, vinho e óleo, fiação e tecelagem. Vinham de fora metais e escravos (conseguidos através do saque e da pilhagem).

O trabalho no oikos era realizado por escravos. Era comum os chefes guerreiros se reunirem para roubar, matar e levar mulheres e crianças.

O número de escravos era maior do que o de escravos. Eles cumpriam funções domésticas: moer grãos, cozinhar, lavar tecidos e roupas, atender aos senhores, fiar e tecer. Os escravos serviam em banquetes e trabalhavam nos campos.

O comércio era mal-visto pelos gregos, consideravam coisa de bárbaro. Eles realizavam trocas equivalentes.

O tratamento dispensado aos escravos variava. Enquanto alguns não eram dignos de qualquer confiança, outros, por sua fidelidade, recebiam tratamento "privilegiado" (recebiam lote de terra, podiam constituir família, ter herança).

Abaixo da condição de escravo, na hierarquia social, estava o teto. Posses sem posses e especialização que vivava em busca de trabalho em troca de alimento, estada ou roupa.

O demiurgo era um prestador de serviços à comunidade: artesão itinerante; médico, profeta, arauto, arquiteto.

O grego nutria sentimento contraditório pelo trabalho: admirava a habilidade do artesão, mas desprezava o trabalhador.

PERÍODO ARCAICO (700-500 a.C.)

A realização mais importante deste período foi a criação da pólis. Ela será o quadro histórico em que a civilização grega se desenvolverá. A pólis é uma comunidade autônoma econômica e politicamente, uma cidade-estado.

À medida que o "viver junto" vai se definindo melhor, os traços da cidade-estado vão se consolidando. A ideia e a prática da comunidade igualitária e de democracia vão se cristalizando.

Aparece a noção de escravo-marcador e a de estrangeiro. A noção de democracia caminha com a de escravidão e a de cidadania com a de escravo. O cidadão vai se liberando das atividades econômicas para se dedicar às tarefas políticas, sendo substituído pelo escravo como força de trabalho.

Pequenos proprietários que não conseguiam saldar seus débitos eram vendidos como escravos.

O crescimento demográfico e a concentração das poucas terras férteis em mãos de poucos proprietários geram problemas sociais e econômicos. Grupos de colonos, com recursos da pólis e um fundador oficial-partem rumo ao Mediterrâneo, indo para o sul da Itália e Sicília para fundar colônias.

Os conflitos sociais persistem e Sólon é escolhido para resolver os problemas. Sólon fez reformas que regulamentaram o estatuto de cidadãos atenienses; proibiu a escravidão por dívidas, eliminou dívidas existentes e possibilitou o retorno de atenienses vendidos como escravos.

As reformas de Sólon estabeleceram a divisão social com base na riqueza individual e não na nascento. Ela atinge apenas os atenienses, não abrange escravos sem ser por dívidas ou estrangeiros.

Com a extinção dos antigos laços de escravidão, cria-se um vácuo na oferta de mão-de-obra que será ocupado pelo escravo-mercador (considerado coisa, objeto animado, adquirido no comércio).

PERÍODO CLÁSSICO (500-330 a. C.)

A civilização grega atinge seu apogeu. A pólis, a democracia, as artes, a filosofia desenvolvem-se ao máximo.

No entanto, o desenvolvimento da pólis não é uniforme. Houve diferentes níveis e graus de desenvolvimento.

Atenas é considerada a pólis por excelência. Outras, mais arcaicas, como Esparta, conservam elementos do período anterior.

ATENAS

Durante o século V a.C., a democracia se estende a todos os cidadãos, incluindo os sem terra. As mulheres, os escravos, as crianças e os soldados não eram considerados cidadãos. Embora, juridicamente, todos os cidadãos fossem iguais, permaneciam as diferenças de poder político derivadas da não igualdade de recursos econômicos.

As famílias ricas tinham escravos em suas terras, viviam na cidade, dedicando-se à política, filosofia e ginástica. O cidadão mais modesto, o artesão, era dono de pequena oficina, onde trabalhava ao lado de alguns escravos.

O grego era preconceituoso quanto ao trabalho manual: forma indigna de se obter o sustento. A democracia aprovou leis que protegiam o trabalhador manual e conferia certa dignidade ao seu trabalho (desde que fosse um cidadão).

O comércio e o câmbio recebiam pior tratamento do que o trabalho manual. Escravos e metecos dedicavam-se a estas atividades.

O meteco era livre, mas sua condição de estrangeiro o colocava à margem da sociedade. Não podia ter propriedade imóvel. Era obrigado a pagar taxas e impostos e qualquer deslize significava a possibilidade de cair na escravidão.

O escravo é uma mercadoria, comprado num mercado e pertence ao dono como qualquer outro animal.

Escravo particular

Com frequência era bem tratado e gozava de R "privilégios": muitos exerciam a profissão fora da casa do seu senhor. A parte que lhes ca-

bia para seu sustento era economizada para comprar sua liberdade. Alguns recebiam autorização para viver onde quisessem.

Escravo público

Exercia trabalho braçal ou era funcionário público. Gozava de melhores condições do que o escravo particular. Morava onde queria e podia constituir família. A cidade-estado fornecia roupa e quantia mais que suficiente para a sua alimentação. Quase sempre economizava e conseguia comprar sua liberdade. O escravo libertado tornava-se um meteco.

Escravo urbano

O maior número de escravos se concentrava nas cidades. Realizavam todo tipo de atividades ao lado de cidadãos, trabalhadores livres e outros metecos.

Escravo rural

O pequeno proprietário tinha um ou dois escravos. Era comum em época de colheita alugar escravos. Cidadãos empresários e metecos tinham os escravos de aluguel.

A mineração era considerada uma atividade muito degradante para um cidadão e era realizada por escravos.

ESPAÑA

É considerada "menos desenvolvida" do que Atenas. Ela não tem a nitidez de Atenas em sua estrutura social. A escravidão (escravo-mercado-ria) e a democracia não existiram nesta sociedade.

Era uma sociedade fundamentalmente militar.

Havia a aristocracia ou eupátridas, os periecos e os hilotas. Os eupátridas eram militares e assumiam funções administrativas. Dependiam da conquista militar, da terra e reduziam seus habitantes à servidão.

Os periecos eram pequenos proprietários de terras (não das melhores), dedicavam-se também à manufatura. Em períodos de guerra, participavam do exército. Eram obrigados a cultivar um lote de terra para os reis espartanos. O comércio era atividade reservada aos periecos.

Os hilotas são servos. Quando subjugados permaneciam onde moravam. Estavam presos à terra. Eram propriedade da cidade-estado. Trabalhavam na terra dividida entre os cidadãos quando da conquista. Eram recrutados para o exército e, às vezes, ganhavam a liberdade.

HELLENÍSMO

Lista de Presentes à 1ª aula do II MINI-CURSO DE HISTÓRIA PARA O
VESTIBULAR - dia 05.06.95 - 14:30h

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI UFPA
Departamento de História e Geografia
Av. Aprígio Veloso, 882 - Rodocongó
Caixa Postal 10024 - Bloco "B"
CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

1. José Glebson Vieira
2. Eduardo A. Santos Soares
3. Tertuliano J. Arruda Neto
4. Gutemberg Lourenço Melo
5. Samara Pimenta Pereira
6. Graziete Dias da Silva
7. Sterlane Tavares Rolim
8. Andiana Pereira Silva
9. Francisca Elza Gomes Monteiro
10. Wladimir Mendes de Sousa
11. Ana Deborah dos Santos Alves
12. Kaciane Gomes Quirino
13. Moisés Alberto Lira Fook
14. Michelle Barbosa Ribeiro
15. Adriana Raimundo Braga
16. Maria de Fátima Alerantes Moreira
17. Ana Cristina da Silva Freitas
18. Renata Costa de Almeida
19. Ingrid de Lima Gallindo
20. Mano Martins Pedrosa
21. Jaeline Klacenda Nobrega
22. Luana Mendes de Freitas
23. Alexandre de Souza Melo
24. Katarinne Ribeiro Cabral
25. Sandro Lima de Oliveira
26. Maysa de Macedo Almeida
27. Cristiano L. Fragozo
28. Edmar José de Nascimento
29. Rados Moura da Silva Júnior
30. Christiane Cavalcanti Rodrigues

- 32- Hilda Cassandra Pinheiro Alves.
- 33- Carmilene Silva Diniz
- 34- Uonaldo Pereira Diniz
- 35- Alexsandro Plantara de Paçido
- 36- Margarette Luiz Fubem de Paçido
- 37- Valéria de Freitas Santos
- 38- RITA DE CÁSSIA MONTEIRO
- 39- Irma Manuela de Moura Fernandes.
- 40- Maria Simone de Araújo Souto
- 41- Eduardo de A. Caldeira.
- 42- Maria Glória Araújo de Azevedo.
- 43- Patrícia Maria da Nóbrega.
- 44- Catarina Waleska Alves Praçópio Silva
- 45- Sunitânia Algaria Alves da Silva
- 46- Márcia Valquíria Gonçalves Oliveira.
- 47- Fabúcio de Brito Lima
- 48- ADRIANA DE SOUZA ARNOLD
- 49- Carla Santos Oliveira
- 50- Mônica Silvana de Lima
- 51- Elaine ~~Correia~~ Gondim
- 52- Jéssica de Jesus Medeiros
- 53- Yarielde Gomes Ferreira.
- 54- Olívia de Lourdes F. Bastos
- 55- Antonio M^o Melo Neto.
- 56- Suzanne Érika D. Correia
- 57- Yaciara Dias da Silva
- 58- Isabela Rocha Lóbo
- 59- Leidyane Silva de Araújo
- 60- Nelsonson Marques Pereira
- 61- Edgley de Albuquerque Araújo
- 62- Israel Jéssica Damasceno da Costa.
- 63- Giovanna Lopes Marques.
- 64- ...
- 65- ...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PARAÍBA
Departamento de História e Geografia
Av. Aprígio Veloso, 882 - Bodoquena
Caixa Postal 10024 - Bloco "B"
CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

- * 65 - Rogério Cabral.
- * 66 - Carlos Alberto V. de pub.
- 67 - Luiz Carlos de S. Freire
- 68 - Tiziana Cambaim Lopes de Figueirêdo

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

CENTRO DE HUMANIDADES.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA.

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO 1º E 2º GRAUS.

PROFESSORA: ERONIDES CÂMARA DONATO.

ALUNA: MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS.

PERÍODO: 94.2

I UNIDADE

DATA: 31/05/95.

TRABALHO REFERENTE AO PRIMEIRO ESTÁGIO:

O LIVRO DIDÁTICO APÓS AS "BELAS MENTIRAS"

92 + 05405 = 400

O LIVRO DIDÁTICO APÓS AS "BELAS MENTIRAS"

O interesse por este tema teve origem quando da leitura de um texto de Maria Carolina Bovério Galzerani intitulado: "Belas Mentiras? A ideologia nos estudos sobre o livro didático", onde faz uma crítica a respeito do livro "As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos", de Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella.

O objetivo deste texto é dar meu parecer a respeito de algumas questões abordadas por ambas autoras.

Este texto também será um componente do Relatório Final de Atividades que elaboramos ao término do curso. Sua inclusão no Relatório tem um fim específico: introduzir, a partir deste período em curso, um complemento teórico. Esta incorporação é justificada pela necessidade de acréscimo de uma discussão de caráter teórico, de modo que o Relatório deixasse de constar, quase que exclusivamente, de uma descrição de atividades durante o período final do Curso de Licenciatura em História.

Ao concluir as considerações que levanto acerca das questões abordadas por Maria Carolina Galzerani e Maria de Lourdes Nosella, tecerei alguns comentários sobre os livros didáticos que utilizei no estágio supervisionado de 1º Grau.

Maria Carolina Galzerani se propõe a discutir as implicações da postura de Maria de Lourdes Nosella acerca do conteúdo de dominação do livro didático.

Maria de Lourdes Nosella diz que os textos didáticos, de primeira a quarta séries, têm a finalidade de criar um mundo relativamente coerente e belo, ao nível do imaginário.

Decorrente de tal afirmação, Maria Carolina Galzerani discute algumas implicações. Ao descrevê-las, a autora lança alguns questionamentos que me chamaram a atenção e despertaram a curiosidade para conhecer a obra sobre a qual tecia esses comentários e questões.

Eis algumas questões: O conteúdo veiculado pelo livro didático impede o conhecimento da vida social? Sua linguagem contraditória expressa conflitos sociais?

Acredito que o conteúdo pode impedir o conhecimento da vida social se não analisado de maneira crítica. Se for assimilado tal como é apresentado, sem confrontações com o cotidiano do aluno (que não coincide com a apresentada pelo livro didático), não estará havendo conhecimento da vida social.

A linguagem expressa a mensagem de harmonia mesmo em se tratando de classes sociais opostas. Exemplo é o texto: "O pequeno engraxate", onde uma "senhora bem-vestida" se comoveu ao ver o pequeno engraxate trabalhando num dia de Natal. Apesar de ser um texto que não questiona nem se preocupa em mostrar as causas das diferenças sociais e econômicas das personagens, nada impede que o texto seja visto com olhos críticos. Depende, é claro, de quem o lê. Se visto com um olhar mais atento e cauteloso, pode-se perceber, nesse e em outros textos, os conflitos sociais existentes na sociedade.

O discurso analítico de Maria de Lourdes Nosella pode ser considerado objetivo? As "ilusões" não atuariam na vida das pessoas como verdades, sendo difícil separar o real do "imaginário"?

Nenhum discurso ou conhecimento deve ser considerado pleno de objetividade ou de verdade absoluta porque, como diz Célia Morato Gagliardi em Reflexões sobre a prática diária no ensino de História: "Tudo quanto se diz, se conta, se constrói, se fabrica, é manifestação da ação humana, é um testemunho histórico e, como tal, não é espelho fiel da realidade, mas uma representação de partes e momentos particulares dela" (P. 150). Como todo conhecimento e conteúdo são construções devem ser questionados e não considerados como verdade pronta, acabada e inquestionável.

* Cf. Maria de Lourdes C. D. Nosella. As Belas Mentiras . P. 156.

** Cf. José Murilo de Carvalho. A Formação das Almas, P. 10. "Por meio do imaginário é possível atingir a cabeça e o coração (aspirações, medos e esperanças de um povo".)

Não creio que as "ilusões" contidas nos textos cheguem a se entranhar de forma tão intensa no cotidiano das pessoas ao ponto de ser demasiadamente difícil separar o imaginário da realidade. Fundamento esse parecer, partindo da capacidade de discernimento das pessoas, Essa confusão real/imaginário é desvanecida e/ou amenizada devido ao fato de a realidade apresentada no livro didático não coincidir com a das pessoas que a ele tem acesso - tanto da "classe alta" quanto da "classe baixa". Isso porque no livro didático a "classe alta" se apresenta como se fosse isenta de conflitos ou desentendimentos, aparecendo sempre como famílias perfeitas e harmoniosas, dignas de imitação. Na "classe baixa", os problemas comuns referentes a dificuldades financeiras, questões sociais e de saúde nunca são apresentadas. Mesmo pobres, todos estão sempre felizes.

Ao que percebe-se, não foi intenção de Maria de Lourdes Nosella abordar a questão da prática docente ou o relacionamento do aluno com o livro didático. Sua preocupação centrou-se em analisar o teor ideológico contido nos livros didáticos da primeira fase do primeiro grau.

Maria Carolina Galzerani diz que alguns profissionais da área de educação que sugerem a queima dos livros didáticos podem ser entendidos a partir da postura de Maria de Lourdes Nosella de que a ideologia desses livros didáticos tem como finalidade "criar um mundo relativamente coerente, justo e belo, no nível da imaginação".

É muito oportuna a colocação de Galzerani de que apesar do caráter contraditório da linguagem do livro didático destinado a reproduzir valores dominantes se dermos mais importância à "capacidade de percepção analítica dos alunos, poderemos repensar a forma de atuação em sala de aula, com estes mesmos livros didáticos"... (p. 3 e 4)

Não podemos subestimar essa capacidade analítica nem dos alunos nem dos profissionais em educação, de forma geral. Essa atitude significaria o descrédito no potencial pessoal e individual desses sujeitos e, de maneira mais abrangente, na mudança da função da escola que só será viável a partir de prática pedagógica dos professores e da consciência do papel de sujeitos dos alunos.

A análise, o olhar crítico voltado para o cotidiano do aluno têm o poder de transformar a atual conotação do livro didático.

É possível, partindo da premissa de que ele é um veículo de transmissão e reprodução da ideologia dominante, permeando e confrontando-o com as experiências dos alunos. Estes têm o direito e a capacidade de interagir (participar) questionando, criticando, divergindo ou mesmo concordando ou justificando o teor ideológico contido no livro didático.

Importante é que o aluno esteja participando desse processo. Importante é que o conhecimento não seja abordado como sendo o "verdadeiro", como "absoluto". Para tanto, a postura metodológica do professor é essencial. Ele precisa lidar com o conhecimento como construção, portanto um processo onde as experiências e o conhecimento do cotidiano dos alunos devem ter espaço garantido.

Como mencionei no início deste texto, minha pretensão é discutir um pouco os livros didáticos que utilizei no estágio supervisionado.

Na 6ª série, usei História e Vida- Brasil: Da independência aos dias de hoje, de Nelson e Claudino Piletti. Na 7ª série, dos mesmos autores, História e Vida: Da pré-história à Idade Média.

Se na primeira parte deste texto transcorri sobre a afirmação de Maria de Lourdes Nosella de que os textos escritos para as quatro séries iniciais do 1º Grau têm o objetivo de criar uma coerência e beleza irreais, ao nível do imaginário, o mesmo não ocorre com a segunda fase do 1º Grau, segundo meu entendimento. Afirmo isto com base na experiência que tive com o livro didático.

O objeto de análise de ambos são distintos. Maria de Lourdes Nosella discute os textos dos livros de Português. No meu caso, livros de História da segunda fase.

Na sexta série, o conteúdo foi Sociedade e Trabalho (na transição do Império para a República), onde os autores abordam os novos grupos sociais que se formam em decorrência do crescimento da produção de café,

fim do tráfico negreiro, início da industrialização no sudeste, abolição da escravatura e chegada de imigrantes europeus.

Os autores não expõem o conteúdo de modo a legitimar a ideologia dominante, passar a imagem ou de "criar um mundo relativamente coerente e belo". Pelo contrário, apresentam o conteúdo através do materialismo dialético, analisando os fatos com um olhar crítico, considerando suas causas e consequências.

Considero interessante e importante alguns dados que eles trazem a respeito da classe operária e da libertação dos escravos. Os trabalhadores e os escravos são considerados, através de suas ações como sujeitos de um devir. Suas práticas são consideradas dentro da prática social mais ampla de toda a sociedade e eles são tratados como sujeitos sociais, como agentes.

Quanto à classe operária, mostram que desde cedo, apesar de ser pouco numerosa, já se mobiliza para lutar por melhores condições de trabalho e de vida. No caso da libertação dos escravos, resgata um aspecto fabuloso; a resistência escrava. Adjetivei de fabuloso porque a abolição deixa de ser vista como consequência quase exclusiva das condições econômicas (alto preço do escravo com o fim do tráfico, custo para mantê-los). A história da resistência é mais longa do que a vigência da lei Eusébio de Queiroz. Ela atravessa, praticamente todo o Brasil colônia e Império.

Outro aspecto que deixa patente a não transmissão da ideologia dominante nestes autores é a ponte que fazem entre a situação dos escravos neste período e situações de escravidão, hoje, no Norte e Nordeste do país. Citam casos de pessoas que trabalham em fazendas, recebem castigos físicos, são presos em cárcere privado... Esta ponte possibilita a discussão comparativa dos dois casos de escravidão, questionar o porquê isso ainda ocorre e o fato de estes "escravos" não serem necessariamente negros.

Uma lacuna deixada pelos autores é a abordagem da questão cultural e do cotidiano. São aspectos interessantes, que ajudam a entender melhor uma sociedade ou um grupo ou raça dentro de determinada sociedade. Segundo a "Nova História", a partir da cultura ou de uma experiência de vida é possível reconstruir a história de uma sociedade.

Na 7ª série, o conteúdo trabalhado foi a civilização grega. Considero, neste caso, a abordagem mais completa do que a da 6ª série. Aqui, todos os aspectos foram analisados: econômico, político, cultural, social e religioso. Até o cotidiano da vida grega ganhou seu espaço.

Poderia justificar este caráter mais amplo do conteúdo grego por tratar-se de uma civilização. No entanto, não podemos relegar que os negros tinham sua identidade, cultura, religião... Apesar de não se tratar de uma civilização, estes aspectos deveriam ser privilegiados quando se trata da raça negra.

BIBLIOGRAFIA:

- GAGLIARDI, Célia Morato. Reflexões sobre a prática diária no ensino de História, in: História em quadro negro. Revista Brasileira de História. São Paulo, V.9, Nº 19, Set.89/Fev.90.

- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Belas Mentiras? A ideologia nos estudos sobre o livro didático, in: Repensando o ensino - S/D.

- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida. Brasil: Da independência aos dias de hoje. 9ª ed. Vol.2. 1º Grau. São Paulo: Ática, 1991.

- _____ História e Vida: Da pré-história à Idade Média. 7ª ed. Vol.3. 1º Grau. São Paulo: Ática, 1994.

- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 8ª ed. São Paulo: Moraes, 1981.

FICHAMENTO: A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa.

OLIVEIRA, Betty. A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa. In: _____ Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, V.14 N.º66/67, Set./Dez. 1985. pp.6-18.

O conhecimento acumulado pela humanidade surge como resposta às necessidades do homem, em sua prática social.

A vida cotidiana é o ponto de partida e chegada da atividade e conhecimento do homem.

A escola é o local de desenvolvimento do processo transmissão-assimilação do conhecimento elaborado que é preciso dominar. Por isso, a prática social global é o ponto de partida e de chegada da prática educativa.

A prática educativa escolar torna-se mais eficaz quando se identifica com a comunidade, estreitando os vínculos entre prática educativa e prática social global.

A educação enquanto atividade mediadora

Uma forma de entendê-la como mediadora: momento mais longo na vida do indivíduo (anos de escolarização).

A ação educativa consciente e consequente possibilite melhores condições de preparação para sua luta em outras instâncias sociais. Deste modo, a influência da prática educativa pode interferir mesmo no momento em que a aprendizagem está ocorrendo.

Fins sociais e os elementos mediadores da prática educativa

A ação pedagógica tem uma dimensão política. Esta não se reduz ao ato de socialização do saber. Questiona a ação pedagógica que pretende socializar o saber.

No processo de transmissão-assimilação é preciso considerar as implicações sociais para poder transformar as possibilidades em realidade (já em sala de aula.)

A atividade humana é o elemento fundamental para a transformação. Ao conscientizar-se dessa possibilidade ela deve ser usada para fins intencionais, desenvolvendo uma atividade para si, para nós.

Possibilidade e realidade: momentos indissociáveis de vir-a-ser cotidiano do homem. Transformar estruturas é o fio condutor para a elaboração e realização dessa prática.

Considerações finais

Compreender a prática social global como ponto de partida e chegada da prática educativa, implica compreender a prática educacional como

atividade mediadora no seio dessa prática mais ampla. Instrumentalizar o aluno é favorecer a aquisição do saber escolar compreendendo-o como instrumento cultural necessário à vida na sociedade letrada.

Essa ação apresenta a possibilidade de contribuir para formar agentes sociais críticos, pois o educando não pode vir a usar o saber escolar como instrumento na sua luta social como pode usá-lo em sala de aula, tornando-se sujeito de seu aprender.

Não há garantia absoluta de que uma ação pedagógica intencionalizada contribua efetivamente para a transformação da sociedade.

É preciso lembrar que o processo transmissão-assimilação na escola pode servir para a manutenção da situação existente ou para sua transformação.

FICHAMENTO: O ensino das ciências humanas: História e Geografia

RODRIGUES, Neidson. O ensino das ciências humanas: história e geografia. In: _____ Por uma nova escola; o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez, 1985. pp. 108-115.

A história e a geografia são áreas deformadas em função da priorização da formação técnica e profissional. A educação foi transformada num treinar profissionais para o mercado de trabalho.

As ciências humanas são relegadas porque pederiam formar críticos e contestadores.

A História tornou-se e é ensinada como o resultado do espírito aventureiro e heróico de homens realizadores de grandes atos.

Não se estabelece relações entre os acontecimentos, a ação organizada não recebe importância, mostrando os interesses de grupos e classes como motores da história.

A Geografia é tratada como ciência de mapas e gráficos, relegando a dinamicidade da construção do espaço social como resultado da ação do homem.

A nova escola deve recuperar a dignidade das ciências políticas na educação. Deve proporcionar ao educando a apreensão da realidade social, política, econômica e cultural do mundo.

Esta compreensão do papel do homem na construção da realidade leva à compreensão de si como sujeito histórico nesta construção.

O ensino de História: o homem como sujeito

O aluno deve ser levado a compreender as verdadeiras forças que movem as ações dos homens.

O ensino de História deve resgatar o real valor dos que a fizeram para que os alunos possam dimensionar o lugar e o valor dos que a fazem hoje.

A história não é analisada como produto da ação humana e o aluno não consegue perceber que o país de hoje é resultado do modo como foi construído e, por isso, pode ser modificado se houver ação para tal.

Os alunos devem perceber que os fatos trazem consigo relações sociais, econômicas, políticas e culturais. E que suas consequências desdobram-se em conhecimento científico e técnico e novas relações econômicas e de poder.

Isto permitirá o conhecimento histórico como ação organizada, possibilitando a transformação da sociedade. Perceberão que os homens transformam constantemente a realidade e que isto é História.

O ensino da Geografia: a produção do espaço social

O ensino da Geografia deve levar o educando a compreender o espaço humano como construção social. Ela pode explicar como os homens or-

ganizam o seu modo de vida pela apropriação de espaço natural, transformado pela ação.

O espaço humano é o do trabalho - a forma como o homem realiza seu projeto de vida e se articula com a natureza. O trabalho é a característica essencial da produção social, através de qual se concretiza a interação entre o homem e o natural.

Partindo desta consideração, os estudos dos acidentes geográficos, mapas, clima vegetação, etc. ganham um teor dinâmico decorrente da necessidade de explicitar o modo de o homem se relacionar com eles.

Eles passam a ser tratados como produtos históricos, revelando a concepção de uma vida, de uma época. Contribuem para a formação política do cidadão por ser abordada como ciência dinâmica, com desafios para educadores e educandos.

FICHAMENTO: Avaliação Educacional Escalar: para além do autoritarismo.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. in: Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, V.13, Nº61, p.6-15, Nov./Dez. 1984.

A avaliação educacional e a avaliação da aprendizagem são consideradas fins e não meios do processo de ensino-aprendizagem.

Ela é dimensionada por um modelo teórico do mundo e da educação e traduz uma concepção da sociedade.

A atual prática escolar vê a educação como mecanismo de conservação e reprodução da sociedade.

O autoritarismo garante este modelo, por isso a prática da avaliação se apresenta autoritária.

A reversão deste quadro é possível com uma pedagogia que perceba a educação como um mecanismo de transformação social.

Contextos pedagógicos para a prática da avaliação educacional

A avaliação da aprendizagem está a serviço de uma pedagogia dominante, esta serve a um modelo social dominante: modelo social liberal conservador.

O modelo liberal conservador produziu as pedagogias tradicional, renovada ou escolanovista e a tecnicista.

Estas pedagogias permitem renovações apenas no âmbito interno do sistema. Garantindo, assim, a sua integridade.

Neste contexto, surgiu a pedagogia libertadora, modelo que aspira a igualdade entre as pessoas. É marcada pela ideia de que a transformação virá através da emancipação das camadas populares, por meio da conscientização cultural e política fora da escola.

Neste caso, a avaliação é um mecanismo de diagnóstico da situação, visando o avanço e o crescimento. Esta pedagogia preocupa-se com a transformação da sociedade a favor do ser humano.

A atual prática da avaliação educacional escolar: manifestação e exacerbação do autoritarismo

A avaliação é um juízo de valor feito com base nos caracteres relevantes da realidade. A avaliação conduz a uma tomada de decisão. Todos os seus elementos podem ser permeados pela posição autoritária. No entanto, a tomada de decisão é a que coloca maior poder nas mãos do professor.

A prática da avaliação assumiu a função de classificação e não o diagnóstico. O julgamento de valor não possibilita uma nova tomada de decisão, mas classifica o objeto, a pessoa num padrão determinado em: inferior, média ou superior.

A avaliação na função classificatória é um instrumento estático e frenador de processo de crescimento. Na função diagnóstica, é um momento dialético de avançar, crescer em busca da autonomia.

A avaliação traduz o modelo liberal conservador da sociedade quando não aceita a mudança de conceitos.

O professor manipula seu poder com a avaliação classificatória, enquadrando os alunos nessa normatividade.

Avaliação educacional no contexto de uma pedagogia para a humanização: uma proposta de ultrapassagem do autoritarismo

Para que a avaliação assuma sua função diagnóstica terá de estar a serviço de uma pedagogia preocupada com a transformação social e não com a sua conservação.

Para redirecionar a avaliação é necessário: um posicionamento pedagógico claro e explícito, a conversão de cada professor para novos rumos da prática educacional - formar unidade entre teoria e prática e resgatar a avaliação em sua essência.

Resgatar a função diagnóstica da avaliação para tornar-se instrumento de avanço, identificando novos rumos.

O professor precisa ser diferente, mais maduro e experiente, sendo companheiro do educando em seu processo de formação e capacitação.

A avaliação deverá verificar a aprendizagem a partir dos mínimos necessários. O professor deve prever os mínimos necessários a serem aprendidos pelo aluno.

É preciso que o mínimo necessário de aprendizagem em todas as condutas indispensáveis para o exercício da cidadania corresponda ao médio.

O aluno que apresentar a aprendizagem dos mínimos necessários está apto para o passo seguinte. Quem não conseguir deve ser reorientado, de modo que ninguém fique sem atingir as mínimas condições.

FICHAMENTO: Planejar para quê?

FLEURI, Reinaldo Matias. Planejar para quê? in: _____ Educar para quê? contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1990. pp. 19-36.

Qual o sentido do planejamento do processo educativo na escola? Como desenvolver uma programação pedagógica realmente participativa e libertadora?

Imprevisação

Sem saber como prender a atenção dos alunos, a imprevisação surge como última alternativa: inventar estórias.

Criou-se um relacionamento com base no imprevisto sem, contudo, estar certo se houve aprendizagem.

Aprender com os alunos

Necessidade de o professor aprender com a experiência de vida dos alunos que já eram profissionais em educação.

Alunos: companheiros

O conteúdo e as atividades das aulas tinham um valor em si, para o professor. Estimulava um conhecimento recíproco e o entendimento de problemas do contexto comum.

Sua tendência era ser um professor "generoso" por supervalorizar o relacionamento interpessoal com os alunos em detrimento das exigências formais da secretaria e de rigor do conteúdo teórico a ser transmitido.

Consciência crítica planejada

Projeto do Ciclo Básico da PUC-SP, cujo objetivo era "formação da consciência crítica" através de processo pedagógico onde o eixo era "a relação professor-aluno", a ser desenvolvida num clima de diálogo e confiança mútua.

O espontaneísmo e a imprevisação de seu trabalho enquanto professor foi questionado e isso ajudou a definir opções pedagógicas.

Este projeto apresentou contradição estrutural: propunha trabalho participativo entre alunos e professores, mas as decisões fundamentais sobre o processo pedagógico eram tomadas em equipe (de professores). Mantinha-se, embora de forma sutil resquícios de autoritarismo.

Dimensão política da atuação em grupo

O planejamento escolar em grupo é uma proposta de caráter político, ideológico, pedagógico e epistemológico.

Dimensão política: Corresponde à proposta de movimento popular, onde as classes populares vêm se levantando para lutar contra o processo de exploração. A resistência é possível com a atuação do grupo, criando formas revolucionárias de relação social.

Dimensão ideológica: Está contida nesta proposta que se opõe à ideologia autoritária ou liberal. O autoritarismo e o liberalismo estão

centrados no indivíduo - o chefe e o autoritário. Legitimam a dominação, defendendo a auto-afirmação individual em detrimento da dos outros.

Dimensão pedagógica: Proposta por Paulo Freire: "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: as homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo".

O caráter epistemológico é o fundamento desta dimensão pedagógica: o conhecimento ocorre no processo histórico e coletivo da práxis, relação dialética entre teoria e prática e a relação histórica dos homens entre si. As ações do passado são o alicerce e projetam as futuras ações dos homens.

Resistência à articulação de grupos

Resistências objetivas: Fragmentação do sistema de ensino, setorializado e centralizado.

Resistências subjetivas: As pessoas têm interesses alienados e individualizados. Há uma cadeia de alienação que engloba desde funcionários aos interesses da burguesia nacional e internacional.

Só as ações coletivas e planejadas podem surtir alguma mudança nas relações sociais de poder e no sistema escolar.

Utopia e risco

As mudanças no sistema escolar são viáveis de modo articulado com as transformações na estrutura econômica-política. Quando as classes populares conseguem construir seu poder.

É preciso aproveitar as brechas no sistema escolar para desenvolver processos educativos vinculados politicamente aos movimentos populares. As iniciativas utópicas mesmo não tendo um efeito de transformação estrutural representam uma crítica e apontam para uma superação radical da situação vigente. Provam a possibilidade de mudança.

Etapas de planejamento em sala de aula

- 1- Opção coletiva: O grupo decide se assume o processo pedagógico. Implica incorporar a autoridade e a soberania sobre seu caminho.
- 2- Definição de objetivos: Cada um explicita suas necessidades e projetos de vida para identificar interesses comuns a todos.
- 3- Definição da metodologia: Estratégias e cronograma de trabalho.
- 4- Definição do processo de avaliação:
 - a) Avaliar é comparar objetivos com atividades desenvolvidas pelo grupo e reencaminhar o processo.
 - b) Exigência formal da nota e seu significado: critério para a aprovação: ter assumido a proposta de trabalho coletivo e ter participado.

Ação e avaliação

Problemas: a inexperiência para o trabalho proposto e a tendência de comportamento do aluno como expectador.

Os problemas foram discutidos abertamente porque a discussão crítica e democrática contribuem para fomentar a união e avanço do grupo.

Educação e utopia

Trata-se de uma experiência que se processa.

Pouco se pode esperar de inovações ou mudanças estruturais de uma experiência breve, onde ao final do semestre o grupo se dispersa.

Seu valor reside em seu caráter utópico. Ela permite a denúncia de opressão nas estruturas vigentes e o anúncio de perspectivas libertadoras. O novo é gerado nesta dialética do já e o ainda não. Nestas experiências é possível gerar o homem novo.

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Maria do Socorro Santos
 LOCAL DE ESTÁGIO: Esc. de 1º e 2º grau, Set. Sebastião - Seminário Cere. Davs
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 7ª D DISCIPLINA: História Geral
 DATA: 10 HORÁRIO: 19 h Nº DE ALUNOS: 40
 ASSUNTO DA AULA: A Grécia Antiga - 1 aula

dicente, o prof. apresentou a estagiária e o orientador, fez a chamada e entregou a turma para a estagiária. Assitiu a aula.

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
	1	2	3
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo		X	
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo		X	
03. A metodologia atendeu à realidade da turma		X	
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades		X	
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente		X	
06. A linguagem atendeu ao nível da turma		X	
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo			
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo		X	
09. Houve entrosamento estagiário-aluno			
10. Houve distribuição racional do tempo			X
11. O estagiário apresentou domínio emocional		X	
12. O estagiário teve domínio de classe		X	

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: Ao fazer uma exposição com cartaz a estagiária foi um pouco lenta, e o tempo foi curto havendo meia hora de aula. Apesar da segurança demonstrada, estava um pouco tensa, espirando ou demonstrando cansaço por três vezes. A postura foi muito boa e o nível de linguagem podia ser melhor aprimorado. Usou comparações para conceitos de formas de governo o que clareava bastante o tema. Pretendendo a atuação

Prof. Orientador de Prática
 da turma. Ao usar o quadro, apagava logo, deixando ou cortando quem queria visualizar. Como foi primeira aula se saiu razoavelmente bem. A dúvida se a turma compreendeu o conteúdo, pois o entrosamento com a estagiária foi tentado no início sob forma de perguntas e a turma não reagiu.

Prof. (Johannis de Jesus)

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Maria do Socorro dos Santos
 LOCAL DE ESTÁGIO: Cru. d. 1ª e 2ª ruas São Sebastião - Seminários - Alto Branco
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 7º D DISCIPLINA: História Geral
 DATA: 12.5.55 HORÁRIO: 20:35 Nº DE ALUNOS: 40
 ASSUNTO DA AULA: Cont. História de ficção Antiga: "Período Clássico" e "Atenas e Esparta"

2 aulas

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo			
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo			
03. A metodologia atendeu à realidade da turma			
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades			
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente			
06. A linguagem atendeu ao nível da turma			
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo			
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo			
09. Houve entrosamento estagiário-aluno			
10. Houve distribuição racional do tempo			
11. O estagiário apresentou domínio emocional			
12. O estagiário teve domínio de classe			

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: Retornou para esclarecer a economia fraca e a distinção entre oligarquia e aristocracia. No início da aula houve um impasse pois a maioria da turma tinha ido embora porque não tiveram a 1ª e 2ª aulas, e nós estávamos na 6ª F. O professor deixou a estagiária decidir. Ela tomou a decisão de sim pelo fato de não poder na semana seguinte estar atarefada na U.F.P.B. Gasim foi.

Profº. Orientador de Prática Com uma pequena quantidade de alunos a aula parece monótona ou é monótona.

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Mania do Socorro dos Santos
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1º e 2º graus São Sebastião - Seminário Casa D'Ass
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 6ª E DISCIPLINA: História do Brasil
 DATA: 10.5.95 HORÁRIO: 19:40h Nº DE ALUNOS: ± 25
 ASSUNTO DA AULA: Sociedade e Trabalho no fim do Império Brasileiro.

"2 aulas"

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
	1	2	3
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	X		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	X		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	X		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	X		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	X		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	X		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	X		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	X		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	X		
10. Houve distribuição racional do tempo	X		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	X		
12. O estagiário teve domínio de classe	X		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: *Não há praticamente comentários por duas ocasiões o observador interveio para responder a duas questões ou três feitas por alunos que ela não sabe responder. O número de operários atualmente no Brasil é por que os portugueses preferiram escravizar o africano. Como foram duas aulas semidas, deu-se tempo de projetar slides. A turma demonstrou muito interesse durante a aula. O nível da turma foi surpreendente, pelo interesse e questões levantadas. A estagiária foi simplesmente ótima.*

Prof.º Orientador de Prática
Fl. (Seminário de Prática)

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Maria de Azevedo Santos
 LOCAL DE ESTÁGIO: Esc. de 1ª e 2ª graus São Sebastião
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 6º F DISCIPLINA: História do Brasil
 DATA: 12-5-95 HORÁRIO: 14 h Nº DE ALUNOS: 35
 ASSUNTO DA AULA: Sociedade e Trabalho no Brasil Império (final)

"02 aulas"

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
	1	2	3
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	1		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	1		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	1		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	1		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo	1		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	1		
12. O estagiário teve domínio de classe	1		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: Inicialmente o Prof. avisou e apresentou, que a estagiária iria ministrar aula no seu lugar e ele iria para a 8ª série. Um aluno interrompeu e a estagiária disse: "meu filho está atrapalhando a aula". Ele retirou-se, após tentar chamar outro aluno "ho São Paulo XIX ou Col. Unidos era colônia de fugitivos", que foi corrigido na hora por orientador. A orientadora continuou com a mesma sequência de aula, dando. A interação com a turma foi muito boa. Não se projetou slides. O que era de avisar ao orientador não aconteceu.

Prof.º Orientador de Prática: "Ninguém ajuda ninguém de graça" afirmou um aluno a certa altura, respeito de fazer de escrever que se pretendiam para comprar a lã da lã.
 C. Prado 12.5.95
 J. Robinson de Oliveira

* Não foi projetado slides sobre o período Regencial. E foi colocado para turma

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Maria do Socorro dos Santos

LOCAL DE ESTÁGIO: UEPB - Bloco-C B

CURSO: Historia 2º fase SÉRIE: Pré-Vestibular DISCIPLINA: Historia Geral

DATA: 05.06.95 HORÁRIO: 14:30 h Nº DE ALUNOS: _____

ASSUNTO DA AULA: A Escrita na Grécia Antiga: Período Homérico, Arcaico e Clássico

QUESTÕES	1 AVALIAÇÃO			
	1	2	3	4
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo			X	X
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo		X		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	?	X	?	?
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades		X	X	
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente		X	X	
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	X			
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	?	?	?	?
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	X			
09. Houve entrosamento estagiário-aluno				X
10. Houve distribuição racional do tempo	X			
11. O estagiário apresentou domínio emocional		X		
12. O estagiário teve domínio de classe		X		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: Entre pro teste e a aula ocorreu o seguinte no quadro: Período Homérico, Arcaico e Clássico. Declinou os objetivos. Início com monótona, indolência, não levando a turma participar. Perdeu-se em dados irrelevantes quando interrompida pelas perguntas feitas por alunos. Limitação cultural parece ser a regra geral. Falta uma visão panorâmica e de profundidade em relação à disciplina.

Prof. Orientador de Prática _____ C. F. de, 06/06/95
 J. Julião de Souza

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOBRE DO ESTAGIÁRIO: Maria da Socorro Santos

LOCAL DE ESTÁGIO: Disciplina de Prática de Ensino

CURSO: — SÉRIE: — DISCIPLINA: —

DATA: 01.06.95 HORÁRIO: 8-8:50 Nº DE ALUNOS: —

ASSUNTO DA AULA: Sociedade e Trabalho no final do Brasil Império.

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	1		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	1		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	1		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	1		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo			
11. O estagiário apresentou domínio emocional	1		
12. O estagiário teve domínio de classe	1		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO:

Ant. Cláudio B. de Souza
Prof. Orientador de Prática

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: M^{te} do Socorro Santos
 LOCAL DE ESTÁGIO: Disciplina de Prática de Ensino - UFPB - C.H
 CURSO: — SÉRIE: — DISCIPLINA: —
 DATA: 18.05.95 HORÁRIO: 8:20 - 9:20 Nº DE ALUNOS: 05
 ASSUNTO DA AULA: A esmolação na Grécia Antiga.

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	1		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	3		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo	3		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2		
12. O estagiário teve domínio de classe	1		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO:

Ant^o Claudio B. de Souza
 Prof^o. Orientador de Prática

A estagiária usou bem o quadro, mas escreveu muito pequeno.
 Conceituou bem a questão do OIKOS (conceito amplo e difícil).
 A estagiária teve pouca mobilidade em sala.
 Usou linguagem (palavras e exemplos) acessíveis ao nível da turma.
 Relativizou muito bem a questão de como os gregos home-
 icos encaravam o trabalho.
 A estagiária explicou muito bem a colonização grega, mas
 falhou em não utilizar o mapa para localizar as áreas

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: M^o da Sílvia Santos
 LOCAL DE ESTÁGIO: II MINI-CURSO DE HISTÓRIA PARA O VESTIBULAR
 CURSO: — SÉRIE: — DISCIPLINA: —
 DATA: 05.06.95 HORÁRIO: 14.30-15.30 Nº DE ALUNOS: —
 ASSUNTO DA AULA: A ESCRAVIDÃO NA GRÉCIA ANTIGA

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	3	1	2
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	1	1	1
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1	1	1
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1	1	1
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2	1	2
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1	1	1
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2	2	1
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1	2	1
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1	1	1
10. Houve distribuição racional do tempo	1	1	1
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2	1	1
12. O estagiário teve domínio de classe	1	1	1

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: Nota 9,0

Antonio Cláudio B. de Souza
 Prof^o. Orientador de Prática

Definiu bem o tema da aula e o período tratado.
 Apresentou bem os grupos sociais do período homérico.
 Apresentou muito bem conceitos como PÓLIS, COLÔNIAS APOIKIA
EMPORION
 Passou muito bem de uma parte a outra da aula.
 Definiu bem os conceitos de escravo/mercadoria e os diferentes tipos de escravos.
 Apresentou bem as categorias sociais em Esparta.
 Quando questionada conseguiu explicar muito bem as